

# Senadores de 82, constituintes sem eleição, se acham liberais

JORNAL DO BRASIL 9861 10C DE

**Brasília** — A maioria dos 23 senadores eleitos em 1982 e que são constituintes natos quer legalizar o aborto, apesar de nenhum ter proposto uma lei neste sentido durante os últimos quatro anos no Senado. Não se consideram conservadores, muito menos de direita. Entre eles, quem não se diz de esquerda é liberal, progressista ou simplesmente democrata. Todos reconhecem que existem preconceito racial no Brasil, mas somente um — o senador Hélio Gueiros (PMDB-PR) — admite que, no fundo, pode ser racista.

“O primeiro passo para acabar com o Racismo é admitir que existe, o que ninguém faz”, explicou Gueiros. “Agora, qual é o brasileiro branco que sinceramente gostaria de ver a sua filha casada com um negro, que não fosse o Pelé? Eu acho que não me importaria, mas também nunca me vi numa situação dessas. Eu seria hipócrita se dissesse, com certeza, que não sou racista”.

Essas são algumas das idéias que passam pela cabeça dos constituintes natos — os senadores com mandatos até 1990 que participarão da Assembléia Nacional Constituinte sem ter que disputar, como os demais constituintes, as eleições de novembro.

Todos são unânimes em querer um poder legislativo mais forte, que possa fiscalizar inclusive os gastos do poder executivo. Alguns querem o presidencialismo e outros o parlamentarismo. Mas existe um grupo que prega um sistema misto.

A maioria acha que o Serviço Nacional de Informações (SNI) não pode ser tão sigiloso, muito menos “bisbilhoteiro”. O cidadão, para eles, deveria ter, pelo menos, o direito de saber o que o governo arquiva sobre a vida dele. Mas a maioria também discorda da Comissão Afonso Arinos, que está elaborando um esboço da nova Constituição e que retirou das Forças Armadas o direito de defender a ordem interna, atribuição dada às polícias estaduais.

Todos sem exceção, acham que a mulher participa pouco das decisões do país e participará pouco da Constituinte. A maioria acha que a discriminação contra o sexo feminino só acabará pela ação das mulheres, na medida em que se mobilizarem.

Ninguém se considera realmente machista. O senador Nivaldo Machado (PFL-PE) — que, como suplente assumiu no lugar de Marco Maciel ministro-chefe do Gabinete Civil — nega, que seja machismo, mas afirma que as mulheres devem trabalhar como enfermeiras e professores, no lugar de procurar empregos próprios para os homens.

“Eu não sou machista”, afirma convicto o senador Albano Franco (PFL-SE). Mas depois de pensar um pouco, faz uma ressalva: “sou ligeiramente machista, como todo nordestino. Não gostaria de ver, por exemplo, minha mulher de biquini fio dental na praia”. Seus colegas nordestinos, no entanto, se consideram mais liberais.

Com certeza, participarão da Assembléia Nacional Constituinte os seguintes senadores:

**Luis Viana (PMDB-BA)** — É o único dos 23 que foi constituinte em 1946. Defende o parlamentarismo, com um presidente mais forte do que nos países europeus, e a maior distribuição de renda para os estados e municípios.

**Virgílio Távora (PDS-CE)** — É presidencialista. Propõe a criação de um instituto para tratar dos crimes de omissão constitucional. Alega que hoje só é crime fazer algo contra os preceitos da constituição, o que não é o suficiente para evitar que não se cumpra o que está escrito na Carta Magna.

**Carlos Alberto (PTB-RN)** — Presidencialista. Quer plebiscito para aprovar Constituição e reforma agrária.

**Severo Gomes (PMDB-SP)** — Parlamentarista. Acha que as Forças Armadas não devem defender a ordem interna e sim produzir tecnologia em tempo de paz. É favorável a uma reforma agrária, mas através da redução dos incentivos fiscais que o governo dá aos grandes produtores. Defende a reforma urbana e a educação gratuita.

**Roberto Campos (PDS-MT)** — Defende um sistema misto de parlamentarismo e presidencialismo, que torna mais difícil a dissolução de um gabinete. É favorável à privatização da economia, como forma de combater a corrupção e aumentar a eficiência. Quer o fortalecimento do poder judiciário e diz que as Forças Armadas podem defender a ordem interna, contanto que o termo “se-

gurança nacional” seja definido pelo legislativo e pelo supremo Tribunal Federal.

**João Lobo (PFL-PI)** — Quer a extinção do SNI, que considera inútil, já que o presidente da República pode consultar empresas de pesquisas e formar um serviço de contra-espionagem para defender o país de ingerências estrangeiras. É presidencialista e se considera “aberto e liberal”.

**Albano Franco (PFL-SE)** — É contra a legalização do aborto, por motivos religiosos, mas é a favor do divórcio ilimitado. É presidencialista por enquanto, mas pode se tornar parlamentarista no futuro. Considera-se um “centrista reformista”.

**Carlos Chiarelli (PFL-RS)** — É parlamentarista. Acha-se um “liberal moderno”. Conhece bem a área trabalhista e propõe, de concreto, o fortalecimento do Legislativo e do Judiciário.

**Hélio Gueiros (PMDB-PA)** — É presidencialista porque “o povo brasileiro gosta de saber que só um comanda e só um pode ser responsabilizado pelos erros”. É contra a legalização do aborto e a favor da estatização dos bancos.

**Nivaldo Machado (PFL-PE)** — ocupa no Senado a cadeira do ministro Marco Maciel. É presidencialista e, sobre todas as questões, tem opiniões indefinidas. “Sou nem tanto mar, nem tanto terra”, diz. Quer uma lei de divórcio mais liberal que a atual, “mas nem tanto, para não acabar com a responsabilidade da escola”. É contra o aborto.

**Ivan Bonato (PFL-SC)** — Ocupa no Senado a vaga do ministro da Educação, Jorge Bornhausen. É parlamentarista. Diz que não é direita, mas jamais será de esquerda. Quer reforma agrária, sem excessos, e o fortalecimento da agricultura e da pecuária, até porque é dono de uma empresa de abate e congelamento de aves.

**Jamil Haddad (PSB-RJ)** — Assumiu no lugar do prefeito do Rio, Saturnino Braga. É presidencialista e socialista. Quer que a Constituição nova seja submetida a um plebiscito, antes de aprovada. Não acha que deveria ser constituinte, porque não foi eleito para como tal, mas não vai renunciar porque diz que seu partido tem que estar representado. Quer a estatização da economia e a reforma urbana.